

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE ARTES  
DEPARTAMENTO DE MÚSICA  
LICENCIATURA EM MÚSICA

Henrique Sezoste de Paiva

ENSINAR VIOLÃO E CONSCIENTIZAR SOBRE  
A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

BRASÍLIA  
2019

Henrique Sezoste de Paiva

**ENSINAR VIOLÃO E CONSCIENTIZAR  
SOBRE  
A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER**

Monografia de conclusão de curso para a obtenção do título de Licenciado em Música submetida à Universidade de Brasília, curso de Licenciatura em Música Diurno.

Orientadora: Flávia Narita

BRASÍLIA  
2019

Se Sezoste, Henrique  
Ensinar Violão E Conscientizar Sobre A Violência Contra  
A Mulher / Henrique Sezoste; orientador Flávia Narita. --  
Brasília, 2019.  
40 p.

Monografia (Graduação - Música Licenciatura) --  
Universidade de Brasília, 2019.

1. Ensino de violão. 2. Violência contra a mulher. 3.  
Conscientização. I. Narita, Flávia, orient. II. Título.



**Universidade de Brasília**

Instituto de Artes  
Departamento de Música

## **ATA DE DEFESA DE TCC**

**Henrique Sezoste De Paiva**

**"Ensinar Violão e Conscientizar sobre a Violência contra a Mulher"**

Trabalho de Conclusão de Curso defendido no Departamento de Música, Instituto de Artes, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Música, sob a orientação do Professor(a) Flávia Motoyama Narita, segundo o Ato 30/2019, que nomeou banca de avaliação.

Brasília, 5 de julho de 2019.

Flávia Motoyama Narita

Maria Cristina de Carvalho Cascelli de Azevedo

Maria Isabel Montandon

## RESUMO

A tentativa deste trabalho é desenvolver práticas pedagógicas que promovam o ensino de violão para iniciantes e a conscientização em relação ao problema da violência contra a mulher. Essa conscientização está amparada nas ideias de Paulo Freire. As propostas de atividades musicais se apoiam no modelo de ensino musical (T)EC(L)A/C(L)A(S)P de Keith Swanwick, na teoria dos significados musicais de Lucy Green e nos princípios desenvolvidos nas aulas de estágio supervisionado em música da Universidade de Brasília. Por meio do aprendizado de duas músicas (*Basta de feminicídio e Madeira*) que abordam em suas respectivas letras a temática da violência contra a mulher, as propostas de ensino vão sendo explicadas e justificadas.

**Palavras-chave:** Ensino de violão. Violência contra a mulher. Conscientização.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>6</b>
1.1 OBJETIVOS .....	9
1.1.1 Objetivo geral .....	9
1.1.2 Objetivos específicos .....	9
1.2 ESTRUTURA DO TRABALHO.....	9
<b>2. VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: UMA NECESSIDADE DE CONSCIENTIZAÇÃO.....</b>	<b>11</b>
2.1 POR QUE É IMPORTANTE PROMOVER A CONSCIENTIZAÇÃO NOS ALUNOS?.....	11
2.2 (DES)CONHECENDO O FEMINISMO.....	13
2.2.1 Efeitos da conscientização feminista .....	13
2.2.2 Desafios do feminismo .....	15
Mas por que mesmo sofrendo violências muitas mulheres permanecem na relação com o companheiro? .....	17
<b>3. MODELO DE ENSINO E SIGNIFICADOS MUSICAIS .....</b>	<b>19</b>
3.1 POR QUE “BATER” NESTA (T)EC(L)A? .....	19
3.2 SIGNIFICADOS MUSICAIS.....	22
<b>4. SÓ UM RECADINHO DE LEVE.....</b>	<b>26</b>
4.1 BASTA DE FEMINICÍDIO.....	27
4.1.1 Apreciação/Execução/Técnica .....	28
4.1.2 Apreciação .....	30
4.1.3 Introduzindo o canto .....	31
4.1.4 Expandindo a execução .....	32
4.1.5 Forma musical.....	33
4.1.6 Criação .....	33
4.2 MEU CORAÇÃO VIROU MADEIRA.....	34
4.2.1 Conscientização .....	37
4.2.2 Criação de arranjos .....	37
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>39</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>41</b>

## 1. INTRODUÇÃO

*“O cravo brigou com a rosa debaixo de  
uma sacada o cravo saiu ferido e a rosa  
despedaçada...”*

*(Cantiga Popular)*

Ao escutarmos, lermos, ou quando cantamos esta cantiga de roda, na maioria das vezes consideramos simplesmente uma música que faz parte de uma brincadeira de crianças que cantam músicas de carácter folclórico. Mas, se abdicarmos desse olhar infantil podemos perceber o quão a letra está carregada de violência.

A violência é um problema vigente na sociedade desde seu surgimento. Manifesta-se por meio das mais variadas formas e situações causando constrangimentos morais e/ou físicos às pessoas. Um dos tipos de violência que, lamentavelmente, persiste no decorrer da história é a violência contra a mulher.

Desde músicas infantis, como é o caso da cantiga que introduz este capítulo, aos funks cariocas, de conversas machistas a piadas e ditados populares, de discussões entre casais ao estupro coletivo, a violência contra a mulher está presente nas entrelinhas que compõe a estrutura da sociedade brasileira.

No decorrer do meu curso de graduação, licenciatura em música, não tive disciplinas que tratassem nem genericamente nem especificamente de assuntos como a violência contra mulher.

No entanto, andando pelos espaços da universidade, me deparava com cartazes sobre encontros, mesas-redondas e palestras que faziam referência a temas como feminismo, feminicídio e violência contra a mulher. Assim, pude aos poucos ir despertando o interesse por essas temáticas.

No segundo semestre de 2018, na semana universitária da Universidade de Brasília, participei de um minicurso sobre violência contra a mulher e política social. Por meio deste curso tive um contato maior sobre a lei nº 11.340/2006 conhecida como Lei Maria da Penha, que “cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher”. Desse modo, considero que a participação neste curso teve

fundamental relevância para a escolha deste tema, pois, contribuiu para despertar e estimular em mim o interesse em inserir a temática na educação musical.

Como futuro professor, considero a educação como sendo o principal meio para tentar corrigir este quadro alarmante de violência contra a mulher. Quadro este que se constitui de uma série de questões problemáticas como por exemplo: Violência institucional motivada por desigualdades, violência física, psicológica, moral, sexual, patrimonial, assassinato de mulheres em contextos marcados pela desigualdade de gênero, o chamado feminicídio.

Eu, como ser humano, sinto-me no dever de contribuir para alcançarmos um patamar de convivência social mais justo. Acredito que podemos nos relacionar de forma harmoniosa, e que o respeito ao próximo se torne algo natural e intrínseco à condição humana.

Associando isso com a atual conjuntura do panorama midiático musical, me deparo cada vez mais com músicas que expressam em seus discursos o desprezo e a desvalorização da mulher. Tais violências mostram o quanto é preocupante esse cenário.

A música em uma de suas funções, proporciona o lazer e a descontração. Frequentemente, ao ouvir música, as pessoas tomadas por essa atividade agradável e relaxante, não percebem que essas letras instigam homens e até mesmo mulheres para ideologias que menosprezam a mulher. Com a promoção exorbitante de canções que reverenciam a violência contra a mulher, aos poucos vão se naturalizando, muitas vezes até de forma inconsciente entre as pessoas, termos, expressões e atividades que incitam a violência contra a mulher.

Para citar músicas que contêm trechos demonstrando essa violência, tomarei como base a campanha feita em 2018 pela SEPOM (Secretaria de Políticas para Mulheres) de São Leopoldo no Rio Grande do Sul<sup>1</sup>. Esta campanha promoveu uma exposição de fotos denominada “Música: uma construção de gênero”. Essa exposição abordava letras de músicas que são machistas e falam sobre estupro, violência doméstica e feminicídio. Estas são algumas das músicas presentes na exposição: *O que é que eu dou* - Jorge Veiga, *Silvia (Piranha)* - Camisa de Vênus, *Vem novinha perder sua virgindade* - MC Denny, *Ajoelha e Chora* - Grupo Tradição, *Surubinha de Leve* -

---

<sup>1</sup> <https://www.sul21.com.br/ta-na-rede/2018/03/prefeitura-de-sao-leopoldo-faz-campanha-denunciando-machismo-em-letras-de-musicas/>



MC Diguinho, *Piranha* - Bezerra da Silva, *Se te agarro com outro te mato* - Sidney Magal, *Mulher indigesta* - Noel Rosa, *Bandida* - MC Livinho e Péricles.

Nas circunstâncias descritas, como a música poderia contribuir para a transformação de cidadãos que venham a ajudar a modificar essa realidade?

Como educador musical, área em que escolhi como profissão, enxergo a importância de ministrar aulas de música para contribuir com a conscientização do problema da violência contra a mulher. Por exemplo, a criação de paródias e/ou melodias com letras que sensibilizem e conscientizem os alunos sobre a violência contra a mulher. Proporcionarei assim espaço para a expressividade e a criatividade dos estudantes.

O presente trabalho pretende demonstrar a viabilidade de se trabalhar essa temática juntamente com o ensino do violão. A escolha do violão como instrumento para desenvolver estas práticas de educação musical se faz por ser um instrumento bastante popular aqui no Brasil. Além disso, é o instrumento que eu toco, estudo e por meio dele, há muitos anos desenvolvo trabalhos musicais, como composições e atuações em práticas de conjunto de música popular. O violão é um instrumento que possibilita o acompanhamento harmônico para o cantar e por meio de apreciações e execuções musicais que expõem e combatem o problema, os alunos poderão se inspirar, refletir e problematizar sobre a temática da violência contra a mulher a partir de letras com repertório variado. Portanto, mostra-se pertinente a proposta do ensino do instrumento aliado a uma questão que, infelizmente, está cada vez mais presente na sociedade brasileira: a violência contra a mulher.

Dessa forma, incluindo ao ensino musical temáticas como a violência contra a mulher, pode-se proporcionar uma formação humanizadora e uma educação integrada para os estudantes. Este trabalho pode ainda gerar nos alunos conscientização sobre questões sociais, coletivas e uma visão menos fragmentada da sociedade.

O ensino de violão que será abordado é voltado principalmente para alunos iniciantes em escolas de ensino médio que tenham violões, com o propósito de incluir, senão todos, a maioria dos alunos. As aulas serão coletivas e o repertório inicialmente trabalhado terá poucos acordes. Além do mais, serão acordes simples de fácil execução, escolhidos justamente para promover a acessibilidade dos estudantes ao fazer musical.

## **1.1 OBJETIVOS**

### **1.1.1 Objetivo geral**

Apresentar uma proposta pedagógica para o ensino do violão que fomente a conscientização dos alunos a respeito do problema da violência contra a mulher.

### **1.1.2 Objetivos específicos**

- Desenvolver um repertório de práticas musicais voltadas para alunos iniciantes no violão.
- Problematicar a temática da violência contra a mulher por meio da análise de repertório musical variado.

## **1.2 ESTRUTURA DO TRABALHO**

O segundo capítulo deste trabalho refere-se à temática da violência contra a mulher. Inicialmente, exponho algumas ideias de Paulo Freire que dizem respeito à importância de desenvolver a conscientização nos alunos, para que estes tornem-se sujeitos que possam vir a agir em prol de transformações pessoais e sociais. Nesse capítulo, essa conscientização está voltada para o problema da violência contra a mulher. Em seguida, faço ponderações sobre o movimento feminista no Brasil, as conquistas que o movimento alcançou e exponho alguns desafios que ainda precisam ser vencidos.

No capítulo três discorro sobre o modelo (T)EC(L)A/C(L)A(S)P de Keith Swanwick e a teoria dos significados musicais de Lucy Green. Tanto o modelo quanto a teoria são fundamentais para o desenvolvimento da proposta pedagógica, pois contribuem para que as atividades sugeridas contemplem diversos aspectos da educação musical, podendo tornar a experiência do ensino do violão mais rica para os estudantes.

O modelo de Swanwick fornece princípios que podem ser usados pelo professor para que as atividades propostas sejam diversificadas e se complementem, promovendo uma educação musical mais abrangente e integrada. A teoria de Green relaciona-se com

a proposta pedagógica por meio dos significados e experiências que os alunos podem ter com as músicas sugeridas neste trabalho. Essa teoria fornece ideias que nos permite estabelecer relações e compreender por que as pessoas se identificam mais, ou menos, com certos tipos de músicas, além de proporcionar por meio da ampliação do conhecimento, possíveis ressignificações em relação às canções.

O capítulo quatro revela em detalhes a proposta pedagógica do ensino de violão para iniciantes. Por se tratar de um material pedagógico-musical que também tem como finalidade promover a conscientização a respeito da violência contra a mulher, foram selecionadas duas músicas, um baião e uma balada-rock que apresentam letras relacionadas à temática. Por meio dessas duas canções que serão ensinadas, as atividades vão sendo expostas e também acompanhadas de explicações sobre sua relevância. À medida que o passo a passo da prática musical vai sendo descrito, ele também é demonstrado estabelecendo pontes com o modelo (T)EC(L)A / C(L)A(S)P, a teoria dos significados musicais e a temática da violência contra a mulher.

Por último, as considerações finais são apresentadas retomando os objetivos e de maneira sucinta, a proposta apresentada. Além disso, são expostas algumas reflexões sobre minha trajetória no curso de licenciatura, o que aprendi com a escrita deste trabalho de conclusão de curso e minhas pretensões como futuro professor de música.

## **2. VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: UMA NECESSIDADE DE CONSCIENTIZAÇÃO**

### **2.1 POR QUE É IMPORTANTE PROMOVER A CONSCIENTIZAÇÃO NOS ALUNOS?**

A conscientização é relevante não só para os alunos tornarem-se sujeitos agentes de transformação pessoal, mas também para tornarem-se sujeitos que virão a intervir e modificar a sociedade. Pois, de acordo com Freire (1979, p. 15) “a conscientização não pode existir fora da ‘práxis’, ou melhor, sem o ato ação – reflexão. Esta unidade dialética constitui, de maneira permanente, o modo de ser ou de transformar o mundo que caracteriza os homens”.

O processo de conscientização permite ao educando desenvolver a capacidade de fazer novas reflexões críticas no tocante à realidade em que está inserido. Possibilita enxergar uma nova realidade por meio da construção de um senso crítico. Ainda assim, é preciso ter a percepção de que essa nova realidade pode, sim, ser alcançada e a antiga realidade ser transformada (FREIRE, 1979).

Em função disso, a conscientização relacionada ao problema da violência contra a mulher, ou mesmo violência de gênero, expressão que explicarei mais adiante, é necessária para que cada vez mais possamos conviver com seres humanos capazes de contribuir para minimizar este problema presente na sociedade.

No Brasil o termo “violência contra a mulher” difundiu-se com rapidez a partir do momento em que passou a ser usado, no final da década de 1970, pelas mobilizações feministas que protestavam contra o assassinato de mulheres, que na maioria das vezes eram mortas pelos próprios maridos. Na década seguinte tais mobilizações abarcaram em suas denúncias espancamentos e maus tratos exercidos pelos maridos, na maioria dos casos no próprio ambiente doméstico. Desde então, o termo passou a ser empregado como sinônimo de violência doméstica. A partir da década de 1990, alguns autores em suas produções literárias passaram a utilizar a expressão violência de gênero como um conceito mais abrangente que violência contra a mulher. Este novo termo engloba não somente as mulheres, mas também crianças e adolescentes vítimas da violência masculina. Além disso, é utilizado como expressão de sentido semelhante à violência

conjugal por abarcar inúmeros tipos de violências ligadas a relações de gênero e poder como: violência praticada pelo homem contra a mulher, da mulher contra o homem, da mulher contra a mulher e do homem contra o homem. Portanto, através dos significados atribuídos a esta outra terminologia, podemos concluir que a violência contra a mulher é uma das formas de violência de gênero (ARAÚJO, 2008).

Para que possamos promover a luta contra qualquer tipo de violência de gênero assumindo um ponto de vista, precisamos colocar em evidência e estimular em nossos alunos a ampliação do conhecimento sobre o assunto. Promover a reflexão dos alunos sobre determinadas temáticas propicia a conscientização. Essa conscientização pode fazer nascer em nós uma visão utópica, mas não no sentido daquilo que tende a não se realizar, mas sim no que tange a ação de expor e propor de modo argumentativo, uma possível resolução para um determinado problema. No dizer de Freire (1979, p. 16)

a conscientização nos convida a assumir uma posição utópica frente ao mundo, posição esta que converte o conscientizado em “fator utópico”. Para mim o utópico não é o irrealizável; a utopia não é o idealismo, é a dialetização dos atos de denunciar e anunciar, o ato de denunciar a estrutura desumanizante e de anunciar a estrutura humanizante.

As palavras do educador nos servem ainda para complementar as ideias acima desenvolvidas, quando se afirma que “a utopia exige o conhecimento crítico. É um ato de conhecimento. Eu não posso denunciar a estrutura desumanizante se não a penetro para conhecê-la” (FREIRE, 1979, p.16).

Portanto, o primeiro passo é conhecer e compreender o problema, conhecer como a violência de gênero principalmente a violência contra a mulher, manifesta-se na sociedade brasileira. Esse “conhecer” pode alvorecer por meio da história. De acordo com Freire (1979, p.15) “a conscientização é um compromisso histórico. É também consciência histórica: é inserção crítica na história, implica que os homens assumam o papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo”.

Para tentar explicar um pouco sobre a violência contra a mulher e promover o início do processo de conscientização defendido por Paulo Freire, primeiramente discorrerei brevemente sobre o feminismo brasileiro, para posteriormente levantar outros aspectos a respeito da questão.

## **2.2 (DES)CONHECENDO O FEMINISMO**

O pensamento feminista nem sempre é bem compreendido pela população brasileira, muitas pessoas acham que as mulheres lutam para serem ou mostrarem-se superiores aos homens e não pela igualdade de gênero. Sendo assim, a palavra feminismo acaba que não é bem vista, ou melhor, não é bem “ouvida” por uma parcela das pessoas aqui no Brasil. Apesar de o movimento feminista ter sido o principal responsável por avanços na busca por direitos iguais entre mulheres e homens, o termo sofre preconceito por uma parte dos formadores de opinião pública. Por não ter atingido a maioria das mulheres como sinônimo de orgulho, o termo feminismo tem dificuldades de ser “escutado com bons ouvidos” (DUARTE, 2003, p.2). Complementando estas ideias Duarte (2003, p.1) enfatiza

A reação desencadeada pelo antifeminismo foi tão forte e competente, que não só promoveu um desgaste semântico da palavra, como transformou a imagem da feminista em sinônimo de mulher mal-amada, machona, feia e, a gota d’água, o oposto de “feminina”.

As ondas de feminismo são caracterizadas por reivindicações que buscavam relações iguais entre homens e mulheres na esfera política e social. Resumido e englobando essas reivindicações feitas ao longo dos anos, as mulheres lutavam por direitos políticos, como direito de votar e ser candidata; pela defesa da educação da mulher; pelo fim do domínio masculino e seu interesse em excluir do mundo público a mulher; pelo direito da mulher frequentar universidade; pela ampliação do campo de trabalho podendo assim, escolher sua profissão; pela igualdade salarial; pelo direito à liberdade sexual das mulheres; pelo direito ao prazer e ao aborto dentre outros. Alguns dos pontos destacados acima, não foram conquistados e ainda são motivos de luta.

### **2.2.1 Efeitos da conscientização feminista**

A militância feminina brasileira teve fundamental importância para dar voz a um problema que assolava (e ainda provoca agonia) principalmente à população de mulheres. Além disso, em prol de acabar com a violência contra a mulher, o movimento

feminista exigia cada vez mais que o governo tomasse medidas para diminuir as situações de violência.

Essa pressão exercida pelo movimento fez surgir na década de 1980, a DEAM (Delegacia Especial de Atendimento à Mulher) cuja característica é oferecer um atendimento mais atento e acolhedor diferente do atendimento masculino que muitas vezes negligenciava as queixas que as mulheres prestavam. Composto por delegadas agentes policiais mulheres com capacitação especializada sobre a questão da violência contra a mulher, essas delegacias são dispositivos de polícia criados para combater a impunidade e ampliar o acesso à justiça. Do ponto de vista de Bandeira (2014, p.5) “esta delegacia representou um ganho político para a conscientização das mulheres contra a opressão masculina e pela busca de cidadania”.

Outro ponto que desde 2005 tem contribuído para o enfrentamento à violência contra a mulher, é a Central de Atendimento à Mulher. Este atendimento é um serviço<sup>2</sup> criado pela Secretaria de Política para as Mulheres (SPM), que permite que a mulher por meio do número de telefone 180, ligue e faça sua denúncia caso esteja sofrendo algum tipo de violência.

A denúncia é importante para a proteção da mulher e para expor à sociedade que a violência não será mais aceita nem silenciada. Entretanto, é preciso incentivar a denúncia, haja visto que existe uma parcela de mulheres que recorrem à denúncia, porém, há outra parcela que acaba permanecendo em silêncio por muitos anos em uma relação abusiva, na esperança de que um dia o companheiro mude sua maneira de agir. Esta atitude é problemática porque, “com o tempo, a violência se banaliza e passa a ser vista como natural. A exposição continuada à situação de violência anula a autoestima e a capacidade de pensar e reagir. E a esperança de mudança vai dando lugar ao conformismo” (ARAÚJO, 2008, p.4).

Pode-se dizer que a lei nº 11.340/2006 também foi fruto da luta do feminismo brasileiro. Criada em 2006 essa lei conhecida como Lei Maria da Penha, foi uma grande vitória para mulheres fazendo com que elas passassem a ter à disposição um

---

<sup>2</sup> Na atualidade o serviço é oferecido pela Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos do Ministério dos Direitos Humanos (MDH) e também funciona fornecendo informações sobre os direitos da mulher. A ligação é gratuita e confidencial e funciona todos os dias vinte e quatro horas por dia no Brasil e em outros dezesseis países.

instrumento legal específico que assegurasse seus direitos. Além disso, a legislação é a primeira a obrigar o estado a proteger a mulher contra violência doméstica e familiar. Essa lei cria mecanismos para coibir tais violências, responsabilizar os agressores e intimidar possíveis atos violentos contra as mulheres, além de definir e criminalizar abusos. Nesta lei são tipificados cinco tipos de violência contra a mulher: violência física, psicológica, moral, sexual e patrimonial. Essas formas de violência são complexas e não ocorrem isoladas, ou seja, quando alguma categoria de violência se configura, acontece acompanhada de outros tipos de violência.

Outra conquista importante para as mulheres foi a lei 13.104/2015 que foi criada com o objetivo de diminuir a incidência de assassinatos contra mulheres. Sancionada em 2015 essa lei conhecida como lei do feminicídio, tipifica o feminicídio como homicídio qualificado e o coloca no quadro de crimes hediondos, que é considerado de maior gravidade e são tratados de forma mais severa pela lei.

### **2.2.2 Desafios do feminismo**

Ainda que a Lei Maria da Penha, a Lei do Feminicídio e o surgimento das DEAM's pode ser considerado um avanço a respeito do problema da violência contra a mulher, o movimento feminista continua a lutar para que a sociedade reconheça a legitimidade e a gravidade da questão. Várias explicações pautadas no pensamento acadêmico nos relevam fatores que contribuem para que o problema continue a persistir, como por exemplo as cinco linhas de indagações que Bandeira (2014, p.7) sintetiza:

- a. a hegemonia do poder masculino, que permeia as relações entre homens e mulheres;
- b. a condição de subalternidade feminina, baseada na hierarquia de gênero;
- c. a reprodução das imagens de homem e mulher e dos papéis a ambos atribuídos por meio da construção social da violência;
- d. a existência disseminada e, ao mesmo tempo, invisibilizada das violências nas relações familiares e sociais; e
- e. a presença das dissimetrias organizadoras das normas e regras sociais em relação aos comportamentos de homens e mulheres.

A violência contra a mulher nos revela o quanto as relações de poder presentes em nossa sociedade são desiguais entre mulheres e homens. Essa disparidade faz com que as mulheres muitas vezes sejam “coagidas” a assumir posições subordinadas com riscos de violência. (AMARAL e BANDEIRA, 2017). Entretanto, devemos estar



atentos a essa questão, pois, ainda que de forma desigual, homens e mulheres detêm suas parcelas de poder e nem sempre homens e mulheres agirão de acordo com as “imposições patriarcais” da sociedade. Por isso, não podemos generalizar essa violência, visto que, “embora a dominação masculina seja um privilégio que a sociedade patriarcal concede aos homens, nem todos a utilizam da mesma maneira, assim como nem todas as mulheres se submetem igualmente a essa dominação” (ARAÚJO, 2008, p. 3).

Para compreendermos um pouco mais a questão da violência contra a mulher recorreremos a uma pesquisa citada por Araújo, Martins e Santos (2004 *apud* ARAÚJO, 2008). Segundo os autores, esta pesquisa comprovou a tendência encontrada em outras pesquisas, independentemente da região pesquisada.

Essa pesquisa analisou 3.627 Boletins de Ocorrência de uma Delegacia de Defesa da Mulher, em uma cidade de Estado de São Paulo e constatou que as mulheres que mais sofrem com a violência são as jovens, casadas e sem nenhum tipo de renda. Ou seja, a atividade remunerada potencializa a margem de poder e negociação da mulher dentro da relação familiar. Porém, nem sempre a mulher usa esse poder, pois existem mulheres que recebem salários maiores que os de seus maridos, sustentam a casa e mesmo assim continuam a sofrer abusos de diversas naturezas. Dentre esses abusos que permeiam uma parte considerável da população feminina, a violência física é a que acontece com maior frequência, em seguida, a violência psicológica<sup>3</sup> e depois a violência sexual. Estas agressões são cometidas em sua grande maioria dentro do ambiente doméstico e familiar por maridos, namorados ou companheiros atuais, ou de relações passadas. Os motivos que levam as mulheres a sofrerem tais agressões, variam de discussões motivadas por ciúme, problemas financeiros, questões relacionadas aos filhos, ameaça de separação a problemas com alcoolismo e desemprego (ARAÚJO, 2008).

---

<sup>3</sup> A violência psicológica ou moral, pode ocorrer por intermédio de olhares, comportamentos e gesticulações sem necessariamente a presença de ofensa verbal. Por exemplo: Intimidações, humilhações, desvalorização da mulher como pessoa, de seu corpo, de suas capacidades cognitivas, de seu trabalho dentre outras possibilidades. (BANDEIRA, 2014).

*Mas por que mesmo sofrendo violências muitas mulheres permanecem na relação com o companheiro?*

Muitas mulheres internalizam construções sociais a respeito da dominação masculina e veem tal dominação como algo natural, não conseguindo romper com o cenário de violência em que se encontram. Além disso, outras razões que costumam ser alegadas pelas mulheres são: o medo de represálias e novas agressões, a dependência afetiva e econômica, a valorização da família e idealização do amor e do casamento, a esperança de o agressor mudar de comportamento, a preocupação ou medo de perder a guarda dos filhos (ARAÚJO, 2008). Essa dominação masculina mencionada acima, pode ser entendida como uma instituição social denominada de patriarcado<sup>4</sup>.

Podemos perceber um reflexo dessa opressão patriarcal em assassinatos de mulheres que continuam a acontecer nos dias atuais. Muitos homens usam como justificativas para o feminicídio ideologias baseadas em suas concepções a respeito do lugar e do papel da mulher na sociedade. Argumentos como “a mulher não está cumprindo bem seus papéis de mãe, dona de casa e esposa por estar voltada ao trabalho, ao estudo ou envolvida com as redes sociais”, ainda estão presentes em nossa sociedade como aponta Bandeira em sua obra (2014, p. 8 e 9). Outras frases que são provenientes da cultura patriarcal e constantemente são proferidas na sociedade brasileira são: “Se usou essa saia na rua é porque tá querendo”, “mulher direita não bebe”, “batom vermelho é coisa de vagabunda”, “mulher que transa no primeiro encontro não serve para casar”. Sentenças como estas são exemplos de violências que acometem as mulheres diariamente tanto em ambientes públicos ou privados. Além do mais, nos faz perceber o quanto a dominação masculina impõe e dita a conduta ideológica e cultural que a mulher deve seguir.

São muitos os desafios que ainda precisam ser vencidos não só pelo movimento feminista, mas por todos os cidadãos, visto que a violência contra a mulher é um problema social e não é um problema exclusivo das mulheres, é também um problema

---

<sup>4</sup> Pautado na crença de uma superioridade masculina, o patriarcado pode ser compreendido como um sistema masculino de opressão às mulheres. Este sistema está presente em várias instituições sejam elas políticas, econômicas, sociais ou familiares, gerando situações de exclusão, discriminação e violência podendo chegar até a feminicídios.

dos homens. É de fundamental importância os homens estarem envolvidos nessas questões pois são eles quem continuam a exercer tais violências. A população como um todo precisa ser conscientizada e mobilizada em função de erradicar este problema da sociedade brasileira. O fato de as leis estarem tornando-se mais severas para quem pratica crime de violência contra a mulher tem a sua importância para tentar diminuir os casos de agressão, mas essa questão não pode ser tratada apenas com leis, é preciso ir além. É preciso tratar com educação, com conhecimento e conscientização. Assim evitaremos que o problema seja combatido pelo enclausuramento dos agressores, mas pela conscientização dos indivíduos que conseguem respeitar o próximo e serem respeitados.

Portanto, conscientizar os alunos sobre essa situação de violência que muitas mulheres sofrem, é uma das formas de contribuir para a reversão desse quadro que precisa ser combatido em nossa sociedade. Levantar essas questões por meio da prática do ensino de violão, é uma maneira de introduzir a temática em sala de aula. Através das letras das músicas a temática é apresentada aos alunos e essa consciência poderá ir disseminando-se pela comunidade.

### 3. MODELO DE ENSINO E SIGNIFICADOS MUSICAIS

#### 3.1 POR QUE “BATER” NESTA (T)EC(L)A?

Sim! Bater nesta Tecla é a uma proposta significativa, pois, o “bater” neste caso não representa necessariamente algum tipo de violência, tampouco, violência contra a mulher. A palavra é colocada no sentido de insistir e continuar em algum assunto ou alguma coisa. Fazendo uma relação com esse sentido, talvez tenhamos que continuar por algum tempo ainda expondo, denunciando, combatendo e educando sobre a violência contra a mulher. Mas o que significa (T)EC(L)A? Substituindo a palavra “bater” presente no título deste capítulo por “tocar”, a pergunta pode ganhar outra conotação, a intensidade da ação do verbo é suavizada e a frase pode ser direcionada para a linguagem musical, como por exemplo, tocar a tecla de um piano. Relacionando os dois verbos, o bater pode representar um som “forte” e o tocar pode representar um som “fraco”, que na música os termos são compreendidos como variações de intensidade sonora que podem ocorrer durante sua execução. Pois bem, partindo dessa intensidade, entraremos nas modalidades do fazer musical para explicar o significado de (T)EC(L)A, que faz referência a um modelo de educação musical que integra várias atividades.

A intensidade é um dos quatro parâmetros do som juntamente com altura, duração e timbre. Em música, a forma como a intensidade ou volume de som varia é chamada de dinâmica. Ou seja, a dinâmica é a intensidade sonora com que se executa uma nota ou um trecho musical. A dinâmica musical permeia o modelo (T)EC(L)A na habilidade de um músico ora conseguir tocar mais forte, ora mais fraco; no momento em que o compositor sente que a introdução de um *crescendo*, em determinado trecho musical soaria mais adequado para a sua obra; na percepção de um ouvinte, quando este consegue diferenciar na música apreciada, seus momentos de maior volume sonoro dos de menor volume.

No modelo (T)EC(L)A, a letra (T) representa técnica, (E) execução, (C) composição, (L) literatura e (A) apreciação. Esse modelo é conhecido aqui no Brasil como uma tradução de C(L)A(S)P, que na língua inglesa representa o modelo de ensino elaborado pelo educador musical britânico Keith Swanwick. O modelo é baseado na integração de três atividades da educação musical: composição, apreciação e

performance, referentes às letras (C, A, P). A letra L, corresponde a estudos de literatura (literature studies) e a letra S condiz com aquisição de habilidades (Skill acquisition). As duas últimas letras citadas estão presentes no modelo para complementar e contribuir com os três aspectos centrais.

A composição musical é um dos eixos principais presentes no modelo de Swanwick e é o processo pelo qual toda música é gerada. É o resultado de experimentações e testes com materiais sonoros e elementos da linguagem musical. A composição em sala de aula pode ser realizada de várias maneiras e é fundamental trabalhá-la para que os alunos possam expandir suas habilidades, desenvolver a criatividade e a expressividade musical. Ao referirem-se a essa questão, França e Swanwick (2002, p.11) apontam:

As composições feitas em sala de aula variam muito em duração e complexidade de acordo com sua natureza, propósito e contexto; podem ser desde pequenas ‘falas’ improvisadas até projetos mais elaborados que podem levar várias aulas para serem concluídos.

Além disso, a composição proporciona aos alunos possibilidades de se expressarem. Essas expressões musicais podem ser desenvolvidas por meio de diversas atividades de composição como, por exemplo, a criação de um jingle, a criação de um tema para abertura de um programa de rádio ou televisão, improvisações cantadas com criação de letras, composição de uma sequência harmônica, composição de ritmos corporais, composições de pequenos solos ou improvisos.

Outro aspecto central do modelo é a apreciação musical: ouvir músicas e trechos musicais é fundamental para o desenvolvimento musical dos alunos. É através da apreciação que se tem contato com outros tipos de gêneros e estilos musicais. Além disso, ouvir diferentes obras musicais pode fomentar nos estudantes outras ideias inclusive para serem usadas em suas composições, contribuindo também para ampliar a compreensão das linguagens e estruturas musicais.

Entretanto, ao apreciar uma obra musical é preciso estar atento ao que se ouve para tentar identificar no material sonoro, motivos/temas, padrões rítmicos, efeitos sonoros, padrões harmônicos, instrumentação e forma. É importante fazer desta apreciação um processo de percepção ativo, pois, “música não pode ser apreendida por uma contemplação, passiva: requer comprometimento, escolha, preferência e decisão” (PAYNTER, 1982, p. 95 *apud* FRANÇA e SWANWICK, 2002, p.8).

Para França e Swanwick (2002, p.13)

As atividades de apreciação devem levar os alunos a focalizarem os materiais sonoros, efeitos, gestos expressivos e estrutura da peça, para compreenderem como esses elementos são combinados. Ouvir uma grande variedade de música alimenta o repertório de possibilidades criativas sobre as quais os alunos podem agir criativamente, transformando, reconstruindo e reintegrando idéias em novas formas e significados.

O terceiro aspecto principal do modelo de educação musical é a performance. Esta é a modalidade em que os estudantes executam obras musicais desenvolvendo habilidades estilísticas, técnicas de execução, improvisação e formas de explorar a expressividade como mudanças de tempo, timbre e dinâmica.

O repertório utilizado deve ser escolhido não somente com o intuito de proporcionar desafios técnicos aos estudantes, mas também para apresentar-lhes diversidades musicais, estimulando e aumentando as possibilidades de uma performance criativa. A performance pode ser trabalhada de maneira que envolvam os alunos em diversas atividades, experiências com percussão corporal e práticas de conjunto são exemplos de possíveis realizações pedagógicas. Além disso, a performance em sala de aula pode ocorrer “incluindo o canto – um meio altamente expressivo e acessível – instrumentos de percussão, fontes sonoras diversas ou instrumentos tradicionais” (FRANÇA e SWANWICK, 2002, p.14).

Com esses três eixos: Composição, Apreciação e Performance, podemos desenvolver uma educação musical mais abrangente e prática. A integração entre essas atividades musicais pode promover um fazer musical interativo e proporcionar ao aluno uma melhor compressão musical.

Somando a esses três aspectos, o modelo se constitui com os estudos literários (L) e aquisição de habilidades técnicas (T), que estão inseridos complementando o modelo (T)EC(L)A, isto é, para dar suporte e possibilitar o exercício das atividades principais. O conhecimento sobre história da música, contextos e temáticas extramusicais que podem estabelecer pontes com o estudo musical como por exemplo, a violência contra a mulher, inserem-se ao modelo pelo campo dos estudos literários. As habilidades técnicas presentes no modelo podem ser adquiridas por meio do desenvolvimento do repertório. Ou seja, o aluno também desenvolve a técnica quando está aprendendo várias músicas, pois está trabalhando diversas formas de se expressar, ora tocando trechos mais rápidos, ora mais lentos, explorando variações de dinâmica, de

timbres, dentre outras possibilidades. Além disso, são consideradas habilidades técnicas também, conhecimentos teóricos, conhecimento sobre notação musical, cifras, etc.

De acordo com França e Swanwick (2002) esse modelo, por integrar as modalidades acima descritas, proporciona a criação de diversas possibilidades de práticas musicais. Através de uma música por exemplo, o professor pode trabalhar todas as modalidades do (T)EC(L)A em uma mesma aula, ou dividi-las ao longo de outras. Durante as aulas essas modalidades devem aparecer relacionando-se entre si, porém, não significa que todas devam estar presentes em todas as aulas, muito menos serem divididas pela mesma quantidade de tempo. O professor pode desenvolver atividades que ora contemplem mais a composição, ora a apreciação, ou a performance e contextos históricos de uma obra, dentre outras combinações.

Em suma, o modelo contribui para uma educação musical mais abrangente sugerindo uma forma de desenvolvimento musical que se estrutura por meio de um grupo de princípios fundamentais que contemplam aspectos como a composição, apreciação, performance. E, outro grupo que dá subsídio a este com estudos de literatura e habilidades técnicas.

### **3.2 SIGNIFICADOS MUSICAIS**

Devido à bagagem cultural que todos nós adquirimos e carregamos ao longo da vida, a escola se faz um local plural onde as culturas e preferências se encontram e aparecem, inclusive os gostos musicais. Cada um desenvolve uma relação com a música, cada estudante relaciona-se de maneira diferente e traz consigo suas representações e significações em relação à música. Com relação a esses significados, a educadora musical inglesa Lucy Green (1997) desenvolveu uma teoria denominada teoria dos significados musicais, que explica tipos de experiências que podemos ter com a música e seus significados. Estes significados musicais são divididos em duas categorias: os significados inerentes ou intersônicos<sup>5</sup> e os significados delineados.

Os significados intersônicos são aqueles que nos fazem identificar determinada organização de sons e silêncios como música; ou seja, são a maneira como nós percebemos esses materiais sonoros relacionando-se dentro da música. Já os

---

<sup>5</sup> A partir de 2008 a educadora passou a utilizar o termo intersônico em substituição ao vocábulo inerente.

significados delineados são aqueles que estão relacionados com o contexto social, políticos e cultural que a música representa para cada um. Esses significados têm sentidos extramusicais; ou seja, podem nos trazer significação por meio da letra de uma música, podem nos fazer imaginar algum cenário ou nos fazer despertar para algumas lembranças e sensações vividas, por exemplo.

Essas duas categorias de significados exercem influência em nossas experiências musicais. A título de exemplo, mesmo aquelas pessoas que não são estudantes de música, conseguem em algum nível, identificar alguma característica da linguagem ou estilo musical que aprecia, relevando assim um aspecto intersônico. Já o aspecto delineado está presente, por exemplo, quando uma pessoa gosta de determinada música porque se identifica com o contexto social em que ela é (re)produzida.

Tomando como exemplo o funk carioca *Surubinha de Leve* do MC Diguinho, analisaremos possíveis aspectos dos significados que podem emergir de acordo com a experiência musical de cada um. Uma pessoa pode alegar que gosta da música porque se agrada com esse ritmo de bateria incorporado em inúmeros funks atuais, relacionando-se afirmativamente com os significados intersônicos da canção. A mesma pessoa pode declarar também que gosta da música porque nos ambientes em que tocam esse tipo de sonoridade musical, geralmente encontram-se mulheres que dançam de forma sensual usando roupas curtas e justas. Neste caso, a relação agora se faz por meio dos significados delineados da canção. Esse tipo de experiência musical que esta pessoa pode ter com a canção denomina-se “celebração”, isto é, quando respondemos positivamente aos significados intersônicos e delineados de uma determinada música.

Quando acontece por exemplo, de uma pessoa dizer que não gosta dessa música por causa da letra que pode fazer com que muitas mulheres se sintam ofendidas, está respondendo negativamente aos significados delineados. Quando ela alega que também não gosta da parte instrumental da música, pode ser que ela não tenha familiaridade com este estilo de funk e por isso não consiga perceber como os materiais sonoros relacionam-se entre si, respondendo desse modo, negativamente aos significados intersônicos. Neste caso, quando uma pessoa tem respostas negativas para ambos os significados, essa experiência musical é chamada de “alienação”.



Pode ocorrer também de uma pessoa gostar do instrumental da música, porém, desaproveitar a maneira com que a letra se refere às mulheres, como se fossem objeto sexual dos homens. Nesta situação, temos uma experiência ambígua, que se caracteriza por uma resposta positiva aos significados intersônicos e uma resposta negativa aos significados delineados. A experiência ambígua também pode acontecer pela inversão das respostas aos significados descritos acima.

Mas como essa teoria dos significados musicais de Lucy Green pode contribuir para a conscientização dos alunos sobre a questão da violência contra a mulher?

As duas músicas voltadas para a temática da violência contra a mulher presente no próximo capítulo, *Basta de feminicídio* e *Madeira*, não são músicas de sucesso nacional, como os sertanejos universitários por exemplo. Não que os alunos só escutem esse tipo de música, mas como as grandes mídias e internet divulgam mais este gênero musical e o funk, possivelmente uma grande parte dos estudantes escutam e acabam se identificando com esses tipos de músicas. A maioria dos alunos provavelmente não conhecerão as duas músicas citadas no início deste parágrafo, o que poderá resultar inicialmente em rejeição às canções pela maioria da turma. No entanto, à medida que os alunos forem tocando e compreendendo de maneira consciente os significados intersônicos das canções (ritmo, instrumentação, forma, etc.) poderão desenvolver, caso já não possuam, uma visão positiva a respeito da música nordestina por exemplo, como é o caso do baião *Basta de feminicídio*.

Outra possibilidade que pode ocorrer é com alunos que gostam de rock ou que gostam do som de guitarra. Ao se depararem com a primeira metade da canção *Madeira*, poderão não se sentir atraídos por ela, porém, quando ouvirem as guitarras distorcidas que aparecem por volta da segunda metade da música, poderão mudar de opinião passando a se interessar pela canção. Assim, a partir desse significado intersônico esses estudantes poderão vir a desenvolver delineações positivas a respeito da música podendo passar a identificarem-se também com a mensagem que a letra tenta transmitir.

Ou seja, por intermédio de elementos de identificação e da ampliação do conhecimento musical, os alunos poderão desenvolver e conceber outras significações e experiências musicais. Dessa forma, a teoria dos significados de Lucy Green contribui

para fomentar tanto a conscientização dos alunos a respeito dos aspectos musicais quanto sobre a questão da violência contra a mulher. Essas conscientizações promovem o despertar para uma “Musicalidade Crítica” (GREEN, 2008 *apud* SIMÕES, 2018) conceito utilizado pela educadora para referir-se a um estágio de compreensão musical crítica e analítica que os estudantes podem alcançar.

#### 4. SÓ UM RECADINHO DE LEVE

*“Só um recadinho de leve recadinho de leve  
sociedade machista, não pensa que me  
ofende ao me chamar de feminista, só um  
recadinho de leve recadinho de leve para  
quem fala o quer, não calo a minha voz pra  
defender uma mulher<sup>6</sup>...”*

*(Carol e Vitoria)*

Este é um trecho da paródia feita pela dupla Carol e Vitoria como resposta à música do MC Diguinho *Surubinha de Leve*<sup>7</sup>, considerada por elas como um total desrespeito pelas mulheres.

A indústria cultural através da internet, televisão, rádio, dentre outros, promove cada vez mais músicas com essas mesmas conotações, em que a mulher é tida quase que como um objeto de valor momentâneo a ser usado e logo em seguida descartado. Atualmente, uma grande parte das músicas que predominam na mídia e nas paradas de sucesso carregam um conteúdo que discrimina e desvaloriza as mulheres. Através de letras amparadas por vários estilos como por exemplo: sertanejo, forró e principalmente o funk carioca, mais precisamente, os chamados proibidões, a violência contra a mulher é constantemente propagada.

Dado este contexto, o trabalho feito pela dupla Carol e Vitoria, se torna um exemplo significativo de como o ensino da música pode estar afinado com as questões de violência contra a mulher. Especificamente no ensino do violão, além da parte técnica que o professor irá desenvolver para os alunos iniciarem o aprendizado do instrumento, o professor pode sugerir aos estudantes que componham letras para substituir as originais baseadas em temáticas escolhidas, estimulando assim a criatividade, reflexão e a conscientização.

---

<sup>6</sup> Link da resposta musical à canção *Surubinha de Leve* <https://www.youtube.com/watch?v=nIAhupbZW2Q>

<sup>7</sup> Link da música *Surubinha de Leve* <https://www.youtube.com/watch?v=uFtdfJJKwfE>

As práticas pedagógico-musicais apresentadas a seguir visam a facilitar o ensino do violão e estão baseadas em princípios ensinados nas aulas de estágio supervisionado em música da Universidade de Brasília, sob orientação da professora Maria Isabel Montandon. Por meio destes princípios e sem fugir do tema violência contra a mulher, sugiro o aprendizado de duas músicas: *Basta de Feminicídio* de Nena Queiroga e Ylana Queiroga e *Madeira* de Douglas Camppos.

A primeira é uma música lançada pela Secretaria da Mulher de Pernambuco (SecMulher-PE) em junho de 2018, em uma campanha de enfrentamento à violência contra a mulher para o São João. A canção é realizada originalmente na tonalidade de dó menor, porém, para facilitar o aprendizado a música será transposta para mi menor. A execução do acorde de mi menor no violão é mais apropriado para iniciantes, pois não é preciso usar pestana como o dó menor. Além disso, a formação do acorde ao violão é feita apenas com dois dedos da mão esquerda, ou direita, para canhotos.

A segunda é uma música que também retrata a violência contra a mulher, mas de uma maneira diferente, em que o eu lírico desta se apresenta descrevendo uma experiência pessoal. Esta canção é originalmente tocada na tonalidade de fá menor e assim como a anterior, para fins didáticos, será transposta meio tom abaixo (mi menor).

Antes de começar a aula, se possível, é importante o professor dispor os alunos sentados em cadeiras arranjadas em círculo, pois facilitará a visualização do professor em relação aos alunos e dos alunos entre si. Dessa maneira, os alunos têm a referência do professor também presente no círculo e a vantagem do contato visual com os colegas. Além do mais, essa disposição pode ajudar a manter o grupo com mais foco, evitando possíveis distrações na hora da prática educativa.

#### **4.1 BASTA DE FEMINICÍDIO**

A proposta a seguir apresentará a integração dos eixos que compõem o modelo (T)EC(L)A/C(L)A(S)P discutido no capítulo 3.

#### 4.1.1 Apreciação/Execução/Técnica

Proponho começar com a música *Basta de Feminicídio*<sup>8</sup>. O professor com o violão em mãos, inicia a prática de forma demonstrativa, de maneira que todos os alunos visualizem e apreciem a execução do ritmo em cima do acorde de mi menor. De modo a convidá-los a tocarem junto com ele, sem necessariamente a presença de um comando verbal, o professor executa o acorde de mi menor dentro do compasso binário (ver figura 1). A levada de mão direita é constituída de dois golpes de polegar tocando todas as cordas de cima para baixo conforme a movimentação das setas, sendo que o primeiro golpe dura uma colcheia pontuada e o segundo uma semicolcheia com ligadura para a colcheia do segundo tempo do compasso, seguido de um último golpe para abafar todas as cordas realizado na última colcheia do compasso, repetindo e mantendo essa célula ao longo da música.

Depois de manter por alguns minutos esse ritmo com os alunos, o professor então pode dar início à melodia, cantando a letra da música enquanto os alunos tocam o acompanhamento. O professor propicia a partir de então, a exposição do tema violência contra a mulher por intermédio do discurso textual presente na música escolhida.

Figura 1 - Formação do acorde de mi menor, diagrama do acorde e batida rítmica.



Fonte: Produção do próprio autor.

<sup>8</sup> Link da música *Basta de Feminicídio* <https://www.youtube.com/watch?v=qkBE3jVtGh0>

Letra da música *Basta de Feminicídio*:

*O cravo brigou com a rosa  
debaixo de uma sacada  
o cravo fugiu covarde  
a rosa morreu calada*

## **Introdução**

*A mulher é protegida  
quando não fica calada  
porque qualquer violência  
tem que ser denunciada  
O que não for consentido  
ou for forçada a fazer  
o que for desrespeitoso  
é preciso se dizer  
Falar de Feminicídio  
não é pantim, é verdade  
tem muita mulher morrendo  
pelo machismo covarde  
Morrendo por ser mulher  
numa total crueldade  
são números alarmantes  
é triste a realidade*

## **Parte A**

*Nesse São João meu compadre  
dance um forró arretado  
respeite sempre as mulheres  
brinque feliz, sossegado  
Presse tal Feminicídio  
ser banido do nosso Estado.*

## **Parte B**

Dessa forma, a prática pedagógica já inicia em consonância com o modelo de educação musical (T)EC(L)A de Swanwick. Ou seja, o professor está desenvolvendo com os alunos a execução, a técnica e a apreciação.

É importante que o professor não pare de tocar o violão quando começar a cantar, pois os alunos poderão perder a referência do ritmo e do andamento, ou se confundirem. Além disso, o professor pode preparar um material de vídeo com a execução da batida e acordes ensinados durante a aula e disponibilizá-lo em plataformas digitais, internet, para que os alunos acessem e continuem estudando em casa com referência.

Ao começar as aulas com uma música que contém apenas um acorde tocado em ritmo simples, o professor está proporcionando aos alunos condições para que todos já saiam tocando uma música, imediatamente. Assim, os estudantes já saem da primeira aula tocando uma música, o que proporciona mais empolgação e estímulo aos alunos do que, por exemplo, passar a primeira aula só estudando teoria musical. Além disso, quando o professor estabelece o tocar para e junto com os alunos, está incentivando-os e, ao mesmo tempo, pode ir observando, conhecendo e mapeando o que a turma já sabe ou não.

#### **4.1.2 Apreciação**

Após os alunos praticarem por algum tempo e à medida que forem tocando com mais segurança, o professor pode mudar a dinâmica da aula e começar uma outra atividade com foco maior na apreciação musical, por exemplo.

Se tiver recursos disponíveis (celular, aparelho de som, televisão, computador etc.) o professor pode colocar o videoclipe ou o áudio da música aprendida para a turma conhecer a versão original. À medida que a música for tocando o professor pode pedir para a turma tentar identificar quais instrumentos estão presentes na canção. Pode acrescentar ainda outras perguntas como: qual é a forma da música? Qual é o ritmo usado na canção?

#### 4.1.3 Introduzindo o canto

Em seguida, em uma segunda audição, pode-se disponibilizar através de um projetor e/ou impressão em folha de papel, a letra da música para que os alunos comecem a aprendê-la, cantando junto com a música executada pelo professor ao violão, ou a gravação da música.

Apesar de os alunos nesse momento não estarem executando a música no violão, a performance do modelo de Swanwick volta a estar presente na prática pedagógica por meio do canto. Além disso, cantar a letra da música pode contribuir para a conscientização do problema da violência contra a mulher e promover, por meio dos significados delineados da teoria de Lucy Green, a construção de novas ideias a respeito deste problema.

Sem demora, o professor propõe novamente que todos toquem a música. Ele poderá observar com isso, o nível da capacidade de memorização ritmo-musical dos estudantes além de verificar o que realmente eles já aprenderam. Ao tocarem outras vezes, o ritmo da música é reforçado tornando-se cada vez mais fácil. Ou seja, por meio da prática da repetição, o fazer musical também vai sendo construído e consolidado.

A partir do momento em que todos, ou a maioria, estiverem tocando junto com o professor, este sugere aos alunos que também cantem a música ao mesmo tempo que tocam o violão. Como a música tem apenas um acorde, o professor pode desenvolver o tocar e cantar dos alunos. A coordenação é trabalhada e desenvolvida a partir da tentativa de executar os dois ao mesmo tempo. É natural que alguns alunos sintam um pouco de dificuldade no início mas, gradualmente e com as repetições, vai ficando cada vez mais descomplicado.

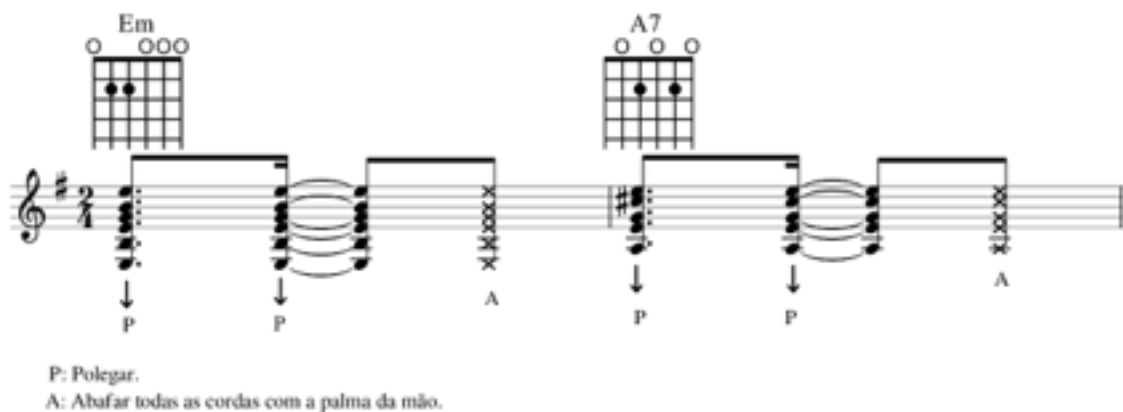
Pouco a pouco, ora cantando a letra, ora tocando o violão e ora tentando misturar essas duas habilidades, os alunos desenvolverão a capacidade de tocar e cantar ao mesmo tempo. Ao introduzir o cantar da letra ao acompanhamento do violão, a habilidade de execução simultânea de dois elementos técnicos está sendo desenvolvida, em acordo com o modelo de Swanwick.

O fato de começar a ensinar violão, utilizando músicas que possam ser executadas com apenas um acorde, sem dúvida facilita muito o aprendizado dos alunos e os estimula a continuar aprendendo com empolgação. Porém, assim que já estiverem



tocando o acorde com agilidade, sentirão vontade de aprender outras posições de acordes no violão.

Figura 2 - Formação dos acordes de mi menor e lá maior com sétima, diagrama dos acordes e batida rítmica.



Fonte: Produção do próprio autor.

#### 4.1.4 Expandindo a execução

Pensando nisso, o professor introduz nas aulas um segundo acorde para ser tocado ainda na música *Basta de feminicídio*. O acorde de lá com sétima (ver figura 2). Este acorde se encaixa perfeitamente no compasso seguinte ao mi menor sem choque ou prejuízo algum à melodia. Isto é, a canção pode ser executada por completo sempre em alternância de compassos, ora mi menor, ora lá com sétima. Além disso, o acorde adicionado não fere os princípios que visam a facilitar o ensino do violão, pois é formado também usando apenas dois dedos que se movimentam de maneira simples entre os dois acordes.

A partir daí, o professor pode praticar junto com os estudantes a troca entre esses dois acordes. Para favorecer a compreensão e a execução dessa troca de acordes, o professor deve estabelecer um andamento bem lento e ficar repetindo várias vezes, para que os alunos assimilem mais rápido. É importante entender que cada aluno tem o seu tempo de aprendizagem e que uns podem executar mais rápido que outros. O professor não deve estar alheio a esta percepção. Forçar para que o aluno aprenda, demonstrando impaciência, poderá causar desconforto, desinteresse e abaixar a autoestima desse aluno. Portanto, estar atento ao desempenho dos alunos é fundamental para que o

professor possa contribuir individualmente, mesmo que em uma aula coletiva, para o desenvolvimento dos educandos.

#### **4.1.5 Forma musical**

Com a introdução desse novo acorde, o professor pode também trabalhar a forma musical. Por exemplo, a música que estamos praticando, pode ser dividida em três partes. A primeira, que podemos chamar de introdução, são os quatro primeiros versos de letra cantados à capela. A segunda pode ser chamada de parte A, vai de “a mulher é protegida até, é triste a realidade”. E a terceira poderá ser chamada de parte B, iniciando em “nesse são João meu compadre, até ser banido do nosso estado”.

A introdução pode continuar sendo feita à capela. A parte A, será acompanhada pelo acorde de mi menor e a parte B, será executada com os dois acordes estudados até o momento (mi menor e lá com sétima), um em cada compasso, alternando por toda a parte B.

#### **4.1.6 Criação**

Depois disso, ou em outra aula, o professor pode propor à turma que se dividam em grupos de quatro a cinco alunos para que tentem criar um trecho musical com os acordes estudados e depois adicionar a este acompanhamento uma melodia ou um padrão melódico por meio da voz. Após esse momento, o professor propõe aos grupos que inventem uma letra para ser inserida ao trecho musical que eles criaram. Porém, a criação dessa letra deve seguir alguns critérios como possuir as seguintes palavras: violência, paz, amor, sociedade e mulher. O professor dedicará um tempo da aula para que os alunos concluam as atividades estando à disposição para ajudar e esclarecer eventuais dúvidas que possam surgir. Logo após, cada grupo fará uma apresentação para o restante da turma demonstrando a sua composição.

Afinado com o modelo (T)EC(L)A, atividades de composição promovem a criatividade dos alunos e um envolvimento direto com o fazer musical, além do mais, estimula o desenvolvimento da musicalidade e proporciona outras maneiras de expressividade que não ficam restritas somente a cópias do que os outros produziram.

A partir das composições dos alunos e da mensagem que traz a letra da música *Basta de feminicídio*, o professor pode fomentar juntamente com a turma algumas ideias sobre a violência contra a mulher. Nesse momento, trabalhar a contextualização da obra também é muito importante para que os estudantes conheçam um pouco mais sobre a música, qual temática ela aborda e por que a obra pode ser ou não, relevante para a sociedade. Perguntas como “Por que as autoras escolheram tratar dessa temática em sua música?” podem impulsionar um debate que contribua para a conscientização dos alunos e da população a respeito da violência contra a mulher podendo causar ainda reflexões sobre o papel da mulher na sociedade contemporânea brasileira.

Tais reflexões e debates promovem a construção do conhecimento e a troca de experiências. Cada estudante traz consigo suas vivências musicais, sociais, políticas e culturais. Estas vivências contribuem para que a experiência da conscientização e do conhecimento forneçam elementos que nos façam pensar determinados assuntos de outras maneiras, fomentando assim, a criação de um pensamento crítico. Esse pensamento crítico está afinado com a Musicalidade Crítica de Green (2008). Essa musicalidade é justamente o desenvolver de uma consciência a respeito das significações musicais presentes na experiência musical.

Com base nessas ideias, podemos por intermédio das aulas de violão expor a temática da violência contra a mulher e fazer com que os alunos possam desenvolver a consciência sobre tal problema. A partir daí, de alguma maneira esperamos que esses estudantes possam contribuir para que este problema diminua ou deixe de existir na sociedade brasileira.

## 4.2 MEU CORAÇÃO VIROU MADEIRA

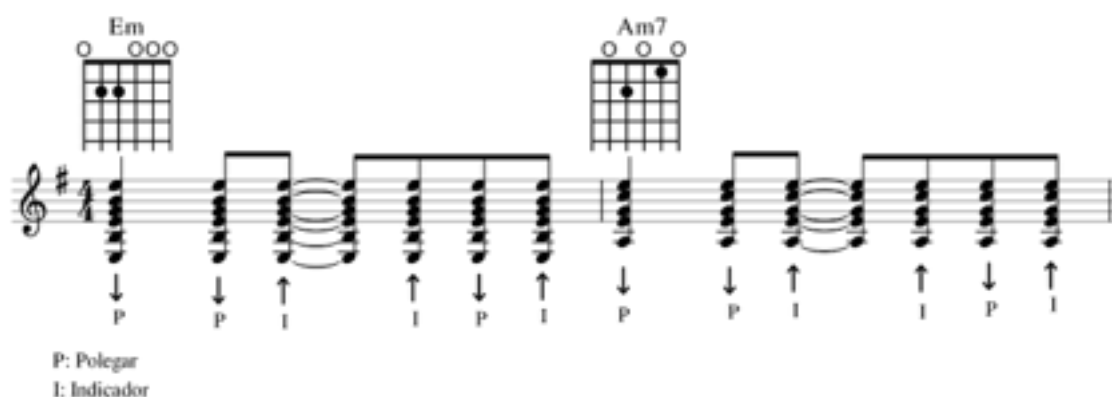
Depois de expor e debater o problema da violência contra a mulher com a turma, o professor pode inserir mais uma música na prática pedagógica, desta vez uma Balada-rock chamada *Madeira* (ver link)<sup>9</sup>. Partindo de um elemento que os alunos já conhecem, para um elemento desconhecido, o professor dá continuidade ao repertório. A música é tocada com uma batida que envolve dois acordes. Começa no acorde de mi menor

---

<sup>9</sup> Link da música *Madeira* <https://www.youtube.com/watch?v=LYorYOLBxmQ>

(elemento conhecido) e termina no acorde de lá menor com sétima (elemento desconhecido). A canção é realizada em compasso quaternário e pode ser executada por inteiro somente com esses dois acordes (ver figura 3). A batida do violão começa com dois golpes com o dedo polegar atacando de cima para baixo. O primeiro com duração de semínima, o segundo com duração de colcheia, seguido de outro ataque de colcheia com ligadura para a primeira colcheia do terceiro tempo, sendo que o terceiro ataque, é realizado com o dedo indicador atacando as cordas de baixo para cima. A segunda colcheia do terceiro tempo é atacada com o dedo indicador também de baixo para cima. Em seguida, no quarto tempo do compasso, dois ataques com duração de colcheia, encerram a batida, sendo que o primeiro é feito com um ataque de polegar de cima para baixo seguido do último de baixo para cima com o dedo indicador.

Figura 3: Formação dos acordes de mi menor e lá menor com sétima, diagrama dos acordes e batida rítmica.



Fonte: Produção do próprio autor.

O professor inicia o ritmo ao violão e por alguns minutos toca a batida para os alunos irem se familiarizando e tentando aprender a nova batida em seus violões. Posteriormente, o professor começa a cantar a música para que os alunos conheçam mais uma canção que aborda a violência contra a mulher em sua letra. Caso os alunos estejam com dificuldades em conseguir realizar a troca dos acordes, o professor pode dedicar um tempo da aula para praticar essas habilidades.

Letra da música *Madeira*:

*Uma surra um golpe num ser fatal  
Não me empurra sou frágil como um cristal  
Se não for por amor não toque em mim  
Nem altere o seu tom falando assim  
Há um desprezo mofando em meu coração  
Desde o peso pesado da sua mão  
O meu corpo invadiu pra nunca mais  
Dois amores morreram pra ser rivais*

*Meu coração virou madeira*

*Homem covarde vestido de bom rapaz  
Alma estragada mais podre que satanás  
Seu braço forte eu não temo eu não corro mais  
Fuja pra selva lugar dos animais  
Cada ferida eu guardei pra me lembrar  
Que eu me casei e por rancor vou separar  
Submissão, me deixei chicotear  
Me libertei te botei no seu lugar*

*Meu coração virou madeira*

Esta canção pode trazer também diversidade para a aula. Além disso, dá continuidade à conscientização iniciada por meio de reflexões que a letra da música *Basta de feminicídio* pode ter proporcionado aos alunos. A música é realizada em um novo ritmo, apresenta uma nova melodia, é cantada por uma voz masculina e até mesmo a temática da letra, apesar de ser a mesma, é abordada de uma maneira diferente.

#### 4.2.1 Conscientização

Em um outro momento da aula o professor pode colocar o vídeo ou o áudio dessa música para os alunos apreciarem e conhecerem a versão original. A partir daí, poderá estabelecer relações, comparações e diferenças com a música *Basta de feminicídio*. Tais reflexões podem ser promovidas por meio de perguntas que estimulem a conscientização de aspectos musicais, como por exemplo “Que diferenças podem ser citadas entre as duas obras?”, “Que instrumentos estão presentes nesta música que não estavam presentes na outra?”, “Essas canções possuem a mesma forma?”, dentre outras perguntas.

Trabalhar a conscientização de aspectos musicais tanto dos significados intersônicos, quanto dos delineados, pode levar os alunos a desenvolverem uma melhor compreensão musical. Essa compreensão pode desembocar em o que Green (2008) denominou “musicalidade crítica”, que contribui para que os alunos desenvolvam um senso crítico musical. Pode ser capaz também de provocar nas mulheres questionamentos sobre como elas estão sendo tratadas e representadas em certos tipos de música. Assim como na musicalidade crítica, essas reflexões podem promover a conscientização que Freire defendia na educação. Uma conscientização que venha a gerar transformações nos alunos e por conseguinte, sujeitos agentes que possam contribuir para uma transformação social. Um exemplo dessa conscientização para uma potencial transformação foi a atitude da dupla Carol e Vitoria quando criaram uma resposta para a música *Surubinha de Leve* de MC Diguinho.

#### 4.2.2 Criação de arranjos

Outra atividade que pode ser desenvolvida nas aulas é a criação de arranjos. O professor pode elaborar juntamente com os alunos outras maneiras de executar a música, estimulando assim a criatividade da turma. Por exemplo, a turma pode ser dividida em quatro grupos ou naipes, cada grupo executará um ostinato ou ideia musical diferente. Um determinado grupo poderá desenvolver uma linha de baixo, ou seja, nas cordas graves do violão, outro poderá criar uma linha na região média nas cordas do meio e um terceiro grupo poderá fazer algo parecido, porém nas cordas agudas do

instrumento. O quarto grupo poderá executar os acordes da música com a batida ensinada inicialmente, além de cantar caso queiram. Esses grupos podem ser formados de acordo com as dificuldades dos estudantes. Desse modo, os níveis de dificuldade desses ostinatos podem variar de acordo com o grupo, justamente para facilitar e estimular o aprendizado daqueles alunos que têm dificuldades e também para continuar promovendo o desenvolvimento daqueles alunos que encontram mais facilidade de tocar.

O professor atuará como um mediador deixando os alunos livres para criarem suas ideias. A partir disso, ele poderá contribuir para o desenvolvimento demonstrando com pequenos exemplos alguns motivos musicais que poderão servir de subsídio para os alunos criarem suas próprias ideias. Dessa forma, o professor contribui para o desenvolvimento da autonomia dos estudantes, além de fomentar a criatividade por meio da composição que é um dos princípios do modelo (T)EC(L)A.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi apresentar um material pedagógico para a aprendizagem musical do violão direcionado a alunos iniciantes. Este material está relacionado, por meio de letras das canções escolhidas, à temática da violência contra a mulher. Foram propostas uma série de atividades pedagógicas que podem ser realizadas no ensino de violão. Estas propostas visam a facilitar o desenvolvimento de habilidades para se tocar violão, além de poder promover a conscientização a respeito do problema da violência contra a mulher.

Essas sugestões de práticas musicais estão relacionadas com o modelo de educação musical (T)EC(L)A/C(L)A(S)P desenvolvido por Keith Swanwick e com a teoria dos significados musicais de Lucy Green.

Além disso, foram levantados alguns aspectos e dados a respeito da questão da violência contra a mulher no Brasil, para melhor compreendermos o problema e assim associarmos com a prática do violão. Dessa forma, por meio do conhecimento e da ampliação da consciência sobre o assunto, almejamos que os alunos possam a partir de então, serem capazes de contribuir para expandir essa conscientização para outras camadas da sociedade. Esta conscientização defendida por Freire, pode auxiliar na transformação de mentalidades que venham a modificar essa realidade de violência que aflige e causa sofrimento a uma parte da população.

Este material pedagógico-musical é considerado por mim como uma proposta de ensino que tem um grande potencial tanto para se aprender a tocar violão, quanto para promover a conscientização sobre a violência contra a mulher. Porém, ainda não tive a oportunidade de realizar esta proposta em nenhuma escola, a fim de aferir se de fato este material produzirá o efeito esperado.

Por meio do curso de licenciatura em música, aprofundei meus conhecimentos musicais e, principalmente no tocante ao ensino coletivo, pude aprimorar e ressignificar a minha maneira de lecionar. Foi por meio do curso, por exemplo, que pude despertar para a importância que o profissional da educação pode exercer na construção de uma sociedade menos desigual entre as pessoas.



Neste percurso, também consolidei a ideia de me tornar professor, pois até a metade do curso, apesar de já estar atuando como professor particular de violão, ainda tinha dúvidas se era esta profissão que realmente iria exercer no futuro.

Frente às ideias evidenciadas ao longo deste trabalho, pude refletir mais, tanto sobre a questão da violência contra a mulher, quanto sobre o ensino de violão. A inclusão desta temática ao ensino de violão proporcionou-me um mergulho em águas mais profundas a respeito deste problema. Pude conhecer mais sobre os avanços e conquistas das mulheres, o movimento feminista e os desafios existentes para que se construa uma sociedade mais consciente a respeito do assunto. Assim, tomado por essa consciência, coloco-me como agente transformador por meio da minha própria práxis. Além disso, para que se efetivasse de fato a proposta de inserir a temática ao ensino de violão, tive que pesquisar músicas que fossem cabíveis às práticas pedagógicas que pretendia desenvolver com os alunos. As músicas escolhidas proporcionaram-me também estudar outras estratégias de ensino de violão que fossem adequadas a alunos iniciantes. Dessa maneira, por meio das canções encontradas e selecionadas, pude ampliar meu conhecimento sobre as práticas de ensino do violão, sobre o repertório que aborda o assunto e sobre a violência contra a mulher.

Futuramente ao longo da minha carreira como professor de música, pretendo estabelecer também em minhas aulas relações com outras temáticas. Além de desenvolver o ensino de música que é a minha área específica de conhecimento, sempre que possível tentarei estabelecer pontes com outros assuntos, tais como: racismo, diversidade sexual, meio ambiente, maus-tratos aos animais, povos originários do Brasil, dentre outras temáticas. Pretendo ainda, quanto à escolha dessas temáticas, estar aberto a sugestões dos próprios alunos para designarmos juntos um assunto que seja de interesse de todos, ou pelo menos da maioria. Assim, pretendo de alguma maneira dar autonomia aos estudantes e seguir tentando construir o conhecimento conjuntamente.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Maria. F. Gênero e violência contra a mulher: o perigoso jogo de poder e dominação. **Revista Psicologia para América Latina**, México, n. 14, outubro 2008.
- BANDEIRA, Lourdes. M. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 449-469, 2014.
- BANDEIRA, Lourdes. M.; AMARAL, Marcela. Violência, corpo e sexualidade: um balanço da produção acadêmica no campo de estudos feministas, gênero e raça/cor/etnia. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 5, n. 11, p. 48-85, 2017.
- DUARTE, Constância. L. Feminismo e literatura no Brasil. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 151-172, set/dez 2003.
- FRANÇA, Cecília. C.; SWANWICK, Keith. Composicao, apreciação e performance na educação musical: Teoria, pesquisa e prática. **Revista em Pauta**, v. 13, n. 21, p. 5-41, dezembro 2002.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.
- GREEN, Lucy. Pesquisa em Sociologia da Educação Musical. **Revista da ABEM**, v. 4, n. 4, p. 25-35, 1997.
- SIMÕES, Alan. C. **Musicalidade crítica: a convergência entre a teoria dos significados de Lucy Green e a pedagogia crítica de Paulo Freire**. ANAIS DO V SIMPOM - SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PÓS-GRADUANDOS EM MÚSICA. Rio de Janeiro: [s.n.]. Maio 2018. p. 52-61.